Derrubando mitos: Alfonsina Storni e a reconstrução da imagem feminina no início do século XX

Karine Rocha (UFPE)

Introdução

Data do século XVI as primeiras idéias feministas da história ocidental. É deste período que uma viúva de classe média encontra como única solução para sobreviver, o seu próprio trabalho. A mulher em questão é Aphra Behn. Aphra Behn viveu no período que se seguiu à Restauração, quando Charles II resolve inovar o teatro inglês dando às mulheres a oportunidade de atuar. Behn não foi atriz, mas escritora. Escreveu sua primeira peça em 1670 e seu foco eram as comédias cujo enredo girava em torno de casamentos forçados. Suas protagonistas eram mulheres fortes e independentes, capazes de tomar suas próprias decisões. Estas personagens sempre iam de encontro com a sociedade machista da Restauração. É certo que as mulheres que se aventuraram a escrever peças teatrais não gozavam do mesmo prestígio que os homens, nem ganhavam o mesmo que eles, mas como Virgínia Woolf aponta em **Um Teto Todo Seu** o fato de uma mulher escrever o que pensa é de suma importância, pois a partir daí começa "a liberdade da mente, ou melhor, a possibilidade de que, no decorrer do tempo, a mente venha a ser livre para escrever o que bem quiser" (WOOLF, 1985: 85). Graças a Aphra Behn muitas mulheres começaram a ganhar dinheiro escrevendo romances.

Em 1792, Mary Wollstonecraft publica *A vindication of the Rigths of Woman*, obra que contém idéias à favor dos direitos das mulheres. Mary Wollstonecraft acusa o sistema educacional de tratar as mulheres como gênero à parte da raça humana e afirma que é hora para uma revolução no modo como o sexo feminino é tratado, soltando, assim, as amarras econômicas e emocionais que aprisionavam as mulheres. As idéias de Wollstonecraft iam de encontro ao modelo pregado pela sociedade do século XVIII, que dividia a natureza feminina em dois pólos, o maternal e delicado contra o das mulheres maléficas. A imagem do ideal feminino era a de uma mulher encantadora que tinha como principal função criar uma atmosfera de harmonia para o lar, que tinha por centro de seu universo a vida do marido, uma personagem submissa que toma para si toda a culpa das desavenças do dia-a-dia.

Até o final do século XIX as mulheres vão ganhando timidamente espaço no mercado de trabalho, mas tal ganho não deveria perturbar o papel da mulher em seu lar. Diante de tal acontecimento, grupos de intelectuais, na Inglaterra e nos EUA, se unem com uma preocupação em comum, derrubar a imagem da mulher criada pela sociedade burguesa e instaurar a igualdade entre os sexos**.** Surge a primeira onda feminista, centrada no propósito de questionar o papel da mulher dentro da sociedade, maternidade, gravidez, reivindicar seus direitos políticos e materias, criando novas formas de identidade feminina. É dentro da primeira onda que surge o termo, **Nova Mulher**, adotado pela americana Olive Schreiner. A Nova Mulher, que começava a surgir no seio das sociedades norte-americana e européia, não era mais a solteirona dedicada à literatura ou a cuidar da casa de algum parente, não era sexualmente reprimida e nem tinha como único objetivo de vida o casamento. Gradativamente a mulher ganha a vida mundana, aposenta o espartilho e começa a modificar sua postura no espaço privado.

As idéias feministas se espalham pelo mundo e chegam à América Latina. Na Argentina tais idéias chegam por duas vias. A primeira delas se dá através das mulheres pertencentes às classes mais abastadas e que tinham acesso ao Ensino Superior. Tais

mulheres conquistaram espaço na vida política, médica, pública, mas não podiam se casar. A segunda via chegou através dos navios abarrotados de imigrantes européias. Muitas destas imigrantes traziam consigo idéias anarquistas e socialistas. Tais mentes irão se erguer contra a submissão das mulheres hispano-americanas e lutar à favor dos direitos políticos, civis e sociais das mesmas. O feminismo na Argentina não conseguiu se enraizar rapidamente por conta da forte influência da Igreja Católica.

E é em meio a este ambiente de mudanças e contradições dentro das sociedades hispano-americanas que surge a poesia da argentina Alfonsina Storni contribuindo para a formação de uma nova identidade feminina, confessando-se feminista e escandalizando a sociedade argentina com seus versos de mulher livre.

Um dos caminhos pelos quais Alfonsina se serviu para construir essa nova identidade feminina se deu através do erotismo. De acordo com Jamake Highwater, em Mito e Sexualidade, a visão judaico-cristã de que a mulher era um ser fortemente indisciplinado e que exalava sexualidade foi substituída, no século XVII, pela imagem da mulher como a Virgem Maria, alguém menos sensual do que os homens. Para reforçar tal idéia, médicos na segunda metade do século XIX afirmavam que o sexo feminino era dotado de uma espécie de anestesia sexual, enquanto os homens seriam naturalmente atletas sexuais. Derrubando tais argumentos surgem os versos de erotismo agônicos de Delmira Agustini e Alfonsina Storni.

Pelas bocas das feministas argentinas corriam os versos:

Tú me quieres alba,
me quieres de espumas,
me quieres de nácar.
Que sea azucena
sobre todas, casta.
De perfume tenue.
Corola cerrada.

Ni un rayo de luna
filtrado me haya.
Ni una margarita
se diga mi hermana.
Tú me quieres nívea,
tú me quieres blanca,
tú me quieres alba.

Tú que hubiste todas
las copas a mano,
de frutos y mieles
los labios morados.
Tú que en el banquete
cubierto de pámpanos
dejaste las carnes
festejando a Baco.
Tú que en los jardines
negros del Engaño
vestido de rojo
corriste al Estrago.

Tú que el esqueleto
conservas intacto
no sé todavía
por cuáles milagros,
me pretendes blanca
-Dios te lo perdone-,
me pretendes casta
-Dios te lo perdone-,
¡me pretendes alba!

Huye hacia los bosques,
vete a la montaña;
límpiate la boca;
vive en las cabañas;
toca con las manos
la tierra mojada;
alimenta el cuerpo
con raíz amarga;
bebe de las rocas;
duerme sobre escarcha;
renueva tejidos
con salitre y agua:

Habla con los pájaros
y llévate al alba.
Y cuando las carnes
te sean tornadas,
y cuando hayas puesto
en ellas el alma
que por las alcobas
se quedó enredada,
entonces, buen hombre,
preténdeme blanca,
preténdeme nívea,
preténdeme casta.

(p. 58/59)

Apropriando-se ironicamente de imagens clássicas de pureza (branca, alva, nívea, nácar), criadas pelo discurso masculino, Alfonsina questiona as pretensões de virgindade impostas à classe feminina pelos homens. Pretensões com raízes judaico-cristãs que inculcaram na sociedade a idéia de que para uma mulher ser feliz e realizada, ela deveria abrir mão de sua liberdade e adotar uma vida de reclusão, enquanto seu desejo deveria ser convertido em amor espiritual. Branca, alva e nívea já tornam-se lugar-comum quando o assunto é pureza e inúmeros são os poemas nos quais as "mulheres ideais" são descritas com estas tonalidades. O nácar é um revestimento calcário que protege à pérola, símbolo de pureza na Ásia Antiga, principal representante da virgindade na Pérsia Antiga e vista pelos japoneses como um elemento capaz de acalmar o coração. À medida que o poema avança, Alfonsina mostra-nos, sarcasticamente, a conduta masculina entregue aos prazeres bacantes. Apontando o disparate de tais comportamentos, pede ao homem que entre em contato com a natureza e se limpe de toda a hipocrisia social e quando este estiver por fim purificado, poderá voltar e reinvidicar a pureza feminina.

Mas caso o homem não queira se purificar, existe outra solução. A mulher pode ser tão livre para os deleites do prazer quanto ao homem. Alfonsina ousa e escreve um poema onde se refere à igualdade erótica entre os sexos nunca poderia ser aceita numa sociedade que ainda pregava o recato das mulheres. Alfonsina atiça a ira dos intelectuais argentinos ao escrever *Hombre Pequeñito*:

Hombre pequeñito, hombre pequeñito,
suelta a tu canario que quiere volar...
yo soy el canario, hombre pequeñito,
déjame saltar.

Estuve en tu jaula, hombre pequeñito,
hombre pequeñito que jaula me das.
Digo pequeñito porque no me entiendes,
ni me entenderás.

Tampoco te entiendo, pero mientras tanto
ábreme la jaula, que quiero escapar;
hombre pequeñito, te amé media hora,
no me pidas más.

Aqui Alfonsina, ao compara-se com um canário preso, reivindica a liberdade da mulher, mas tal liberdade não fica por aí. Com o avançar do poema, ela reivindica liberdade para que homens e mulheres sejam libertos do relacionamento, quando neste não existe mais amor e desejo. Tal idéia nos dias de hoje se apresentam óbvias, mas numa sociedade no início do século XX, isso representava uma afronta ao modelo de união pregado pela sociedade burguesa católica. Além do mais ao afirmar que amou o seu homem por apenas meia hora e que depois disso deveria ser liberta, Alfonsina se mostra adepta do amor livre.

Além de exigir igualdade entre os sexos, em alguns momentos Alfonsina inverte os papéis sociais na hora do conquista e torna o homem o objeto a ser conquistado. Também brinca com Don Juan e todos os conquistadores que nele se inspiram, pondo por água abaixo a galanteria masculina, que de acordo com ela só funciona para atrair mulheres iletradas:

"Noctámbulo mochuelo,

Por tu fortuna tu estás
Bien dormido en el suelo
Y no me despertarás.

Si tu sombra se alzara
Vería a la mujer
Midiendo con su vara
Tu aventura de ayer.

La flaca doña Elvira,
La casta doña Inés,
Hoy leen a Delmira,
Y a Stendhal, en francés.

Caballeros sin gloria,
Sin capa y sin jubón,
Reaniman tu memoria
A través de un salón.

No escalan los balcones
Tras el prudente aviso,
Para hurtar corazones
Imitan a Narciso.

Las muchachas leídas
De este siglo de hervor
Se mueren aburridas
Sin un cosechador.

Más que nunca preciosas,
Oh gran coloso, están.
Mas no ceden sus rosas.
No despiertes, don Juan.

Que no ha parado en vano
La aventura luna:
Hoy tu castigante mano
No hallaría fortuna.

Y hasta hay alguna artera.
Juguetona mujer,

Que toma tu manera
Y ensaya tu poder.
(p. 253 / 254)

Ao ver de Alfonsina, Don Juan teria que se esforçar bem mais para poder conquistar alguma mulher. As mulheres do século que se iniciava liam Delmira Agustini, poetisa uruguaia que cantou o erotismo em versos de uma maneira jamais feita por homens e mulheres até então. As mulheres do século que se iniciava começavam a conhecer seu corpo, seus desejos começavam a ser despertado e o seu poder de sedução a ser testado. Com certeza Don Juan teria que aprimorar suas técnicas ou então ele se tornaria a presa dessas novas mulheres. O resultado de tanta ousadia só poderia ser o desdém dos homens, como expressou o jornalista José Fernández Coría (apud PLEITEZ,2003, p. 129):

> "E o cultivo desta não é impróprio da mulher. Uma mulher que se entrega por completo às efusões de seu lirismo erótico é uma mulher que se desnuda diante de olhos estranhos. Não os esforceis, pois, em destacá-los em uma tarefa que é tão imprópria de vocês como é imprópria para o homem embalar um berço. Sem, de certo, senhorita, te aconselho para seu próprio bem que não prossigas cultivando poesia. Ao invés de escrever versos, procure inspira-los. É mais feminino e será mais fácil para você consegui-lo.".[1]

Os versos de Alfonsina, ultrapassaram também os limites do erotismo e desenrolam o cenário social da mulher, dando luz à certos aspectos da condição histórico-social feminina, revelando tanto a ideologia patriarcal em relação à imagem da mulher, quanto a ideologia feminista que eclodiu em fins do século XIX. Um bom exemplo é o poema *Bien pudiera ser* :

Pudiera ser que todo lo que en verso he sentido
No fuera más que aquello que nunca pudo ser,
No fuera más que algo vedado y reprimido
De familia en familia, de mujer en mujer

Dicen que en los solares de mi gente, medido
Estaba todo aquello que se debía hacer...
Dicen que silenciosas las mujeres han sido
De mi casa materna... Ah, bien pudiera ser

A veces en mi madre apuntaron antojos
De liberarse, pero se le subió a los ojos
Una honda amargura, y en la sombra lloró

Y todo eso mordiente, vencido, mutilado,
Todo eso que se hallaba en su alma encerrado,
Pienso que sin quererlo lo he libertado yo

O poema mostra que ao longo das gerações a relação entre os gêneros fora ideologicamente construída de forma que a mulher acreditasse ter uma essência compassiva, abnegada e as tarefas sociais passaram a ser definidas de acordo com a natureza masculina e feminina. À mulher, por ser vista como um ser frágil e intelectualmente inferior aos homens, cabia-lhe as obrigações domésticas e desde pequena era treinada para o seu destino natural: ser uma dona-de-casa exemplar, mãe dedicada e esposa perfeita. Os aspectos ideológicos que envolviam a sociedade determinavam que era próprio do feminino sonhar com o príncipe encantado, aquele ser idealizado que trazia consigo todas as realizações da mulher. O casamento deveria ser encarado como o único caminho para a realização dos ideais femininos. A mulher ideal não deveria ter idéias próprias, nem ansiar por conquistas intelectuais, o seu horizonte deveria se resumir aos domínios do lar, o mundo deveria ser visto silenciosamente através dos olhos do homem. E eis que a geração de Alfonsina liberta tudo o que havia sido reprimido na alma das mulheres ao longo dos séculos.

Alfonsina liberta as mulheres de sua família, afirmando que tem um cérebro capaz de trabalhar para garantir seu sustento e do seu filho, que uma mulher não precisa de um homem para sobreviver como revela em *La Loba*:

Yo soy como la loba.
Quebré con el rebaño
Y me fui a la montaña
Fatigada del llano.

Yo tengo un hijo fruto del amor, de amor sin ley
(…)
Yo soy como la loba. Ando sola y me río
del rebaño. El sustento me lo gano y es mío
donde quiera que sea, que yo tengo una mano
que sabe trabajar y un cerebro que es sano.

Tais versos mostram os pressupostos da primeira onda feminista, que recusou a passividade imposta pela sociedade ao sexo feminino. *La Loba* mostra que Alfonsina Storni tinha o perfil da Nova Mulher, lutando contra as idéias conservadoras que vigoravam até então, e defendendo a formação da mulher econômica, social e sexualmente independente.

Conclusão

Alfonsina está entre as inúmeras mulheres espalhadas pelo mundo durante a *Belle Epoque* que saíram das sombras para abalar as estruturas de sociedades inteiras. De acordo com Carmen Verlichak em *Las diosas de la Belle Époque y de los años locos*, " la *belle époque* foi um período excepcionalmente povoado de mulheres célebres e temperamentais" [2] e cita nomes como o de Lou Salomé, Chanel, Mata Hari, Anais Nin, Victoria Ocampo, entre outras. Neste período várias escritoras surgiram pelo continente latino americano, quebrando com os mitos culturais que rodeavam a aura

feminina e libertando a natureza humana que havia sido aprisionada dentro da alma das mulheres. Alfonsina Storni faz parte deste bloco de escritoras que enfraqueceram o discurso patriarcal. Através de seus versos começaram a enraizar na sociedade idéias para combater a opressão, ajudando a desenvolver uma consciência coletiva na qual a mulher deveria libertar tudo o que em sua alma estava aprisionado durante séculos e mostrar para a sociedade o que era e o que realmente queria uma mulher.

NOTAS

[1] "Y el cultivo de esta no es próprio de la mujer. Una mujer que se entrega por completo a las efusiones de su lirismo erótico es una mujer que se desnuda ante ojos extraños. No os afanéis, pues, por destacaros en una tarea que es tan impropria de vosotras como es impropria del hombre mecer una cuna. Sí, por cierto, señorita; le aconsejo en bien suyo que no prosiga cultivando la poesía. En vez de escribir versos, procure inspirar-los. Es más femenino y a usted le será fácil conseguirlo"

[1] "La *belle époque* fue um tiempo excepcionalmente poblado de mujeres célebres y temperamentales".

Referências Bibliográficas

HUMM, Maggie. *Modern Feminisms. Political, Literary. Cultural*. New York: Columbia University Prees, 1992.

LOZANO, Fernanda Gil; PITA, Valeria Silvina; INI, Maria Gabriela. *Historia de las mujeres em la Argentina. Siglo XX.* Buenos Aires: Taurus, 2000.

PLEITEZ, Tania. *Alfonsina Storni: mi casa es el mar*. Madrid: Espasa, 2003.

STORNI, Alfonsina. *Obra poética.* Buenos Aires: Editorial Ramón J.Roggero y Cia, 1947.

VERLICHAK, Carmen. *Las diosas de la Belle Époque y de los "años locos"*. Buenos Aires: Atlantida, 1996.